



PRONUNCIA

Sabemos que as razões dos illustres advogados dos queixosos, publicadas pelo *Estado de S. Paulo*, têm produzido esplendido resultado na opinião publica.

Era mesmo necessario que se desfizesse a mia impressão que as mentiras do dr. Adolpho Gordo tinham deixado naquelles que não assistiram o crime de 14 de Janeiro.

Nós tinhamos certeza desse resultado; sabiamos perfeitamente que as mentiras forjadas com momentanea felicidade por aquelle advogado haviam de ruir por terra, deixando triste e asqueroso vestigio do seu autor.

E ainda podemos dizer que o chinó do pantafaçudo deputado ha de ser arrancado e a sua calva luminosa ha de bestialisar a muitos que ainda não têm o prazer de o conhecer.

A nós é que essa calva não bestialisa porque somos testemunhas da selvageria commettida pelos amigos do homem sem sentimentos, que tem lançado mão de todos os recursos, do mais vil ao mais abjecto, para destruir o crime do largo da Matriz.

Que defendesse aos seus amigos, que desempenhasse o seu nobre papel de advogado consciencioso e nós enxergariamos nessa defesa e nesse desempenho o dever de humanidade e de profissão.

Mas calumniar, pretender tirar dos hombros de vis bandidos o peso de um crime monstruoso para collocar-o sobre os hombros de homens innocentes não é proprio de um advogado recto, serio e escrupuloso, mas sim de um rábula bastante estúpido.

Os criminosos blazonam pelas ruas desta cidade que, contructando um advogado pertencente á

politica dominante, hão de conseguir impunidade para o seu crime. Mas nós ainda não acreditamos que tenha fundamento essa esperanza porque somos dos que crêem que as portas do Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo ainda estão fechadas para as influencias politicas e temos certeza que, se algum gordo mercador transpuzer os humbraes daquelle templo da Justiça, os sacerdotes que lá estão, como Christo para distribuir a paz e a tranquillidade, hão de expulsal-o a chicote.

Acontecimentos de Ytú

Ao dr. Adolpho Gordo

O sr. dr. Adolpho Gordo, em artigo publicado na secção livre do *Estado de S. Paulo*, de 24 de Fevereiro, escreveu o seguinte trecho:

«Se quem escreveu o artigo publicado hoje no *Estado de S. Paulo*, cheio de injurias grosseiras, tem interesse em que o publico fique conhecendo perfeitamente quaes os successos que se deram em Ytú, na noite de 14 de Janeiro, quaes os responsaveis, quaes os verdadeiros assassinos, e quaes os que servem-se das posições officiaes para tomarem vinganças dos seus des-affectos, liquidando velhas contas — deixe o anonymo e assigne os seus artigos».

Não sou o autor do artigo que tanto magoou o dr. Adolpho Gordo, mas as palavras de sua resposta, acima transcriptas, contém ameaças e insinuações contra membros do partido republicano desta cidade.

Chefe deste partido, convidado o

dr. Adolpho Gordo a vir trazer a publico tudo, tudo quanto sabe sobre os diversos attentados que ultimamente se têm commettido nesta cidade. Peço a s. exc. que seja bem claro; que seja inexoravel

O dr. Adolpho Gordo enganase julgando-me tão velho e tão enfraquecido. Sem ambição politica de qualquer ordem, desejei entregar a direcção do partido republicano a pessoas que pudessem manter as suas tradições de honra, que vêm desde os tempos gloriosos da propaganda; quando, porém, para empolgar as posições, apresentaram-se os actuaes protegidos do dr. Adolpho Gordo, eu resisti. Resisti com energia, fiz sacrificios enormes, farei até maiores, se fôr preciso, porque conheço bem os actuaes protegidos do dr. Adolpho Gordo e s. exc. conhece-os como eu.

Os acontecimentos que aqui se têm dado, e que já estão no dominio publico, vieram provar me que eu não andava errado.

Sem a minha resistencia elles já teriam deshonorado o partido.

Testemunha da correcção com que se tem mantido durante esta lucta o partido republicano, espero os ataques do dr. Adolpho Gordo; espero tranquillo, porque nunca fui chefe de bandidos.

Ytú, 27 de Fevereiro de 1900.

FRANCISCO EMYGDIO DA FONSECA
PACHRICO.

Ainda os Jagunços

Publicadas as razões dos advogados dos queixosos no processo em que se discute a criminalidade de cada um dos criminosos da tarde de 14; publicadas as razões dos

advogados dos prezos Joaquim Galvão e Irineu de Souza, o publico tem elementos de provas sufficientes para fazer o seu juizo e julgar quaes os verdadeiros culpados.

A nós, porém, que conhecemos os factos que se deram na tarde de 14, só temos de nos envergonhar pela posição assumida pelo advogado Adolpho Gordo, de quem o partido republicano não podia esperar esse proceder.

As bravatas do presumptuoso deputado, na defesa de Galvão só poderá fazer que o publico melhor conheça o gordo politico, que ora arvora-se em defensor dos assassinos de 14 de Janeiro.

Está no seu papel.

E' preciso defender o pacato Galvão, e para defender tão grande criminoso nada melhor poderia encontrar do que o uso das mesmas, que tem armas, usado o partido Jagunço — mentir e calumniar.

E' assim que, como arma de defesa do seu constituinte apegou-se acalumnia, á falsidade e á mentira.

E' calunnia attribuir ao partido republicano provocações no jardim: é falso o depoimento de muitas testemunhas que depuzeram na celebre justificação feita em Jundiahy: mentir, é dizer-se o que as testemunhas não disseram, como se ellas tivessem dito.

Se o parente apatacado do sr. dr. Gordo é innocente, qual o motivo pelo qual calunnia a moços que lhe podem ensinar o caminho da honra e da dedicação partidaria?

Dentre os membros do partido republicano, nenhum, absolutamente nenhum, pretende altas posições politicas; defendemos nossas ideias com dedicação, mas, não por interesse.

Julgar nos íamos indignos de nós mesmos, se para defender criminosos, como é o amigo e parente do sr. dr. Gordo, fosse necessario mentir e calumniar correligionarios.

Mas que importa tudo isto?

Joaquim Galvão chamou para advogado o seu primo dr. Gordo, que, convencendo-se da criminalidade do seu constituinte, só encontrou como elementos de defesa, após muito esforço intellectual, como unica salvação, como unico recurso, fazer uma justificação em Jundiahy, para onde seguiram algumas testemunhas capitaneadas por um seu parente, as quaes deram conta do seu recado *mentindo* e procurando responsabilisar alguns membros do partido republicano, pelos tristissimos factos de 14.!!!

Não sabemos qual é a maior infamia, se das testemunhas que lá foram mentir, se d'aquelles que as levaram!!!

A luta aqui principiada pela mentira e pela calumnia, é preciso que seja continuada.

Só os calumniadores, só os reptis nojentos, poderão attribuir a nós, do partido republicano, provocações e dizer que estavamos de revólver no jardim.!!

Não nos assustamos.

As calumnias não nos atingem.

As mentiras estão por si mesmas cahindo e os factos apparecendo para mostrar de quanto são capazes a gente do partido *jagunço*: a mesma gente que tem por advogado o sr. dr. Gordo, que desesperado diante das provas dos autos e não podendo por mais que tenha procurado *innocentar* o seu

constituente pelo crime de que é accusado; estupefacto com tantas provas que o criminam, lança mão da pena e solta aos quatro ventos as mentiras mandadas dizer em Jundiahy!!!

Para a defesa do *pacato* Galvão, foi preciso lançar mão de citações de testemunhas, citações que não existem nos autos!!

Cite o sr. dr. Gordo o que as testemunhas dizem a respeito do seu constituinte; cite os interrogatorios de Irineu de Souza e do seu constituinte Galvão perante o dr. 1º Delegado Auxiliar, declarações estas sufficientes para o publico ficar sabendo da criminalidade dos accusados.

Deixe o sr. dr. Gordo de calumnias.

Deixe o sr. dr. Gordo de atirar ao partido republicano, o que pertence aos jagunços.

Quanto maiores forem as calumnias atiradas sobre o partido republicano, peor será para o *pacato* parente do sr. dr. Gordo.

Diante da linguagem atrevida e das mentiras, surgirá a verdade demonstrando que Galvão não é innocente, mas criminoso, e criminoso covarde.

Não receiamos de suas ameaças

PIADAS...

O carnaval, neste anno, passou, de todo, completamente desapercibido nesta cidade.

Durante os tres dias consagrados ao Momo, choveu copiosamente em toda a parte, a ponto dos cachorros beberem agua, em pé.

S. Pedro, abrindo intencionalmente todas as torneiras da vastissima aboboda celeste, disse: «agua vai!»

Pregou um formidavel banho cá no planeta e nos seus habitantes, talvez julgando que houvera falta do elemento liquido, cá por baixo.

Um fervoroso devoto de Baccho, amollado com o tempo, murmurou:

— Antes chovesse agua... ardente! Sim. Tem razão. Em vez de chuva celeste teriamos outra cousa com a mesma denominação.

Mas, voltamos ao Carnaval. Que excellente, o deste anno! Nem um *confetti*, um mascara na rua, uma *serpentina*! Nada!

Unicamente, uma cacete e pezada monotonia, occasionada pela implacavel chuva e pelos ultimos acontecimentos que enlutaram esta cidade, predominava sinistramente, e, como diz Guerra Junqueiro, *lançava sobre a paz das coisas naturaes*, uma fastidiosa e enfadonha tristeza, qual um cemiterio em dia de finados, que nos compugia e dilacerava a alma.

Então, quando recordavamos do anno passado, daquelle brilhante baile á phantasia, no Club Recreio Ytuano, que tanto assombrou Ytú! Oh! que saudades!... Quantos suspiros exhalados dolorosamente!

Para eu sentir uma saudade mais intensa, uma recordação mais viva, fui ao meu modesto penate, abri a mala, tirei para fóra o dominó que tanta sorte deu no anno passado, e puz-me a contemplal-o com extase.

— Oh! infeliz vestimenta! Tu, que, no anno anterior, conseguiste te impôr á admiração geral, pelas tuas côres symbolicas, agora permaneces indifferente e insensivel no fundo de uma mala!

Porém, conforma-te; consolante: neste mundo tudo tem sua época!

Tu já tiveste a tua.

E não podia esquecer a nossa festa carnavalesca do anno passado.

Uma nostalgia profunda invadiu minha alma; quasi chorei!

— O'ra bolas! bradei, cahindo em mim, pois ia chorar como qualquer mulher que chora á tôa; dirigi-me ao Club, disposto a afogar a minha magoa em cosimento de cevada e lupulo, que o vulgo chama cerveja.

Na sala dos bilhares encontrei-me com dous amigos, sendo um delles inveterado apologista do finado Marechal de ferro e declarado republicano dos tempos dos bandeirantes, e participei-lhes o meu desejo de beber á memoria do passado Carnaval. (Que pretexto!)

Abraçaram contentes a minha ideia e momentos depois estourava a saborosa Antarctica, ao som de um barulhento Zé Pereira que zabumbamos sobre a meza.

Immolamos a Baccho! e este foi o nosso carnaval!

Assim passamos os tres dias consagrados ao Momo, ouvindo

o apathico ruido da chuva e carpindo saudades da sumptuosa *soirée* que foi realisada, há um anno, a qual causou inveja a muita gente, que se mordeu de raiva por não poder, ao menos, nos imitar.

Mas, tenhamos esperanças. Após a quaresma havemos de organizar domingueiras e dançarmos todo o domingo; assim havemos de conseguir affastarmos para bem longe a monotonia insupportavel que paira n'esta cidade.

Revistam-se de paciencia, bellas leitoras.

João Aço.

UN ROMANZO IN MINIATURA

Non so se, il loro amore, era cominciato nella mia saletta da studio, dove però continuava, era sopra un piccolo tavolo. Io parlo con risentimento di loro, quantunque non erano che quattro creature di creta, graziose, modellate e gaiamente colorite. Erano due coppie di sposi; un pescatore e una pescatrice, un pastore e una pastorella, che io avevo comprato per pochi soldi in Napoli.

La traversata dell'Oceano era stata fatale all'infelice pastore; si era rotto in più pezzi; poverino!

Non poter dir morendo:

« Alma terra natia,
La vita che tu mi desti
Ecco, ti rendo. »

Mi ero, da un pezzo, accorto di quell'amore, fra il pescatore e la vedova; si guardavano sempre, si sorridevano.

Sentivo compassione della pescatrice che, struggevasi di gelosia.

Capii che da um momento all'altro potrà avverarsi nella mia saletta, una scena di sangue e mi decisi a rimuovere di sopra il tavolo quelle creature e collocarle in maniera que il galante figlio di Masaniello, non potesse più fare l'occhio di triglia alla pastorella.

Nel far tale previdente operazione, sentii un rumore: guardai in terra e vide in più pezzi la gelosa pescatrice.

Non fu con certezza un suicidio.

La manica della mia camicia l'aveva urtata e fatta cadere.

Ed io, che cercavo di farle del bene?! La sua felicità!

Ebbi dolore della morte di quella sventurata, e più me ne rammaricai, quando vidi i due

superstiti non meno gai e allegri di prima.

Che sguardi infocati, che sorrisi!

Ne é a dire che sieno rimasti così indifferenti, perché fatti di creta.

Le creature fatte di carne non hanno anima piú ricordevole e piú degna.

I vivi si dan sempre pace.

Poveri i morti!

B.

O AMOR

No entender do eminente professor Mantegazza, o amor é a principal idéa da acção feminina.

A amizade occupa nessa ordem de idéas um logar secundario.

« O amor de uma mulher é mais forte, mais delicado, mais constante, mais modesto, mais rico na sua comprehensibilidade e nas suas fórmias pathologicas; talvez mais ciumento tambem, e certamente mais expansivo e rico em fórmias.

No trajeto da existencia feminina, elle é o guia e o soberano do mundo, das affeições e dos pensamentos.

Esta ultima caracteristica é talvez a mais alta de todas; é certamente a mais vasta e a mais comprehensiva.

O amor da mulher não encontra no centro cerebral forças que possam curval-o ou dominal-o.

A mulher pensa como ama, e ama como pensa.

Em todos os livros, nas opiniões politicas e religiosas, na diversa moralidade, no caracter, nos habitos da vida da mulher, o amor está sempre presente, quer manifesto, quer latente; é a primeira força motriz, a alma de tudo e o promotor responsavel de todo o peccado e de toda a virtude. »

« O homem procura no amor, acima de tudo, a voluptuosidade; a mulher, acima de tudo, a conquista do coração.

A mulher ama quasi sempre mais pelo coração do que pelos sentidos. Para amar não precisa do estimulo da voluptuosidade.

A mulher moderna, a mulher civilisada teria sido christã, mesmo se Christo não houvesse existido.

A primeira, a mais essencial missão da mulher é a maternidade, e ella só póde vir a ser mãe pelo amor, que, em relação á maternidade, é como a flor para o fructo.

A astucia, os infinitos recursos das subtis mentiras, as rapidas percepções fazem da mulher um

forte aliado para o homem em politica e, quando o amor caminha de braço dado com o genio politico, a mulher torna-se uma heroína e a historia fal-a immortal. »

NOTICIAS

Linha Ytuana

No dia 27 do mez passado desabou sobre a linha, na secção ytuana, um aterro, na extensão de 20 metros mais ou menos, em consequencia das chuvas torrencias que cahiram ultimamente nessa zona.

Os trens de passageiros estão correndo com baldeação.

Igreja matriz

Acham-se concluidas as obras que foram executadas na parte externa da nossa igreja matriz.

Jury

Não tendo podido comparecer a esta cidade, no dia 26 do mez findo, o cidadão dr. Juiz de Direito substituto, da vizinha Comarca de Jundiahy, deixou de realizar se a sessão do Jury, conforme tinha sido designado aquelle dia.

Nomeação

Foi nomeado para exercer o cargo de carcereiro da cadeia publica desta Cidade, o cidadão João Baptista de Oliveira.

Estado sanitario

A despeito do calor excessivo que aqui tem feito e das continuas chuvas que têm cahido em todo o municipio, tem-se conservado bom o estado sanitario.

Registro civil

Do dia 20 a 27 do mez passado, o cartorio do Registro Civil teve o seguinte movimento:

Cazamentos	1
Nascimentos	12
Obitos	9

Uma sorte

O segundo premio da loteria da Capital, extrahida no dia 26 do mez passado, foi vendido no chalet do *Leão da Sorte*, de propriedade do sr. João Francellino Alves.

O bilhete premiado tinha o numero 2.258.

Enfermo

Guardou o leito por alguns dias, accommettido por uma pertinaz influenza, o distincto moço Hermogenes Brenha Ribeiro, dignissimo Juiz de Direito substituto, em exercicio.

Na cidade

Esteve n'esta cidade o sr. Joaquim Pedroso de Alvarenga, conhecido negociante na cidade de Santos.

Demissão

Foi demittido do cargo de carcereiro, que exercia na cadeia publica desta cidade, o sr. José do Amaral Campos.

Apedregulhamento

A Camara Municipal vai apedregulhar a parte da rua do Comercio, comprehendida do trecho da ponte sobre o corrego do Taboão, á estação da via-ferrea.

Reunião

Conforme noticiámos no numero anterior da nossa folha, deve realizar-se, hoje ao meio dia, no «Club Recreio Ytuano», a reunião afim de tratar-se do melhor meio de ser commemorado, nesta cidade, o 4º centenario do Brazil.

Provocações

O primeiro incidente que se deu no Jardim no dia 14, de Janeiro, incidente que pretextou a covarde emboscada dos *Jagunços*, foi provocado por Orozimbo Carneiro.

Pois bem, esse individuo continúa a fazer provocações.

Ha dias convidou Collatino e Aureliano de Souza para darem tiros e cacetadas, na estação da estrada de ferro.

Ora, Orozimbo lá tem comparecido para arranjar hospedes para o hotel de seu pai e não para provocar, nós estamos certos disso e é por isso que lamentamos esses factos.

Mas essas ameaças não nos intimidam porque sabemos que os *Jagunços* não são homens para brigarem a peito descoberto e noticiamos esses factos para que se saiba que o copeiro é provocador e com toda justiça foi castigado no dia 14 de Janeiro.

O entregador do nosso jornal tem sido provocado, e diante de tantos factos cumpre-nos, em primeiro lugar, pedir providencias ao sr. delegado de policia, providencias que certamente evitarão desgraça maior.

Salto de Ytu

Do nosso correspondente: Realisou-se nesta villa, no dia 17 de Fevereiro, o casamento do sr. Evangelino Bueno de Sampaio, conceituado negociante daquella praça, com a exma. sra. d. Maria Leite de Barros.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, o sr. Olympio Bueno de Sampaio, e, por parte da noiva, o sr. Braulino de Paula Leite de Barros.

Aos noivos as nossas sinceras felicitações.

— Transferiu sua residencia para esta villa o cidadão João de Almeida Mattos.

Parabens ao Salto por tão boa aquisição.

— O conhecido e apreciado violonista F. Rabello, realisou alguns concertos nesta villa.

— Falleceu no dia 18 do mez findo, nesta villa o sr. Antonio Benedicto dos Santos.

Nossos pezames.

Imprensa

Recebemos:

O n. 116 do *Don Quixote*, primorosa revista publicada na Capital Federal, pelo habil desenhista Angelo Agostine.

Como sempre, suas paginas vêm replectas de finas pilherias e o texto esplendido.

— *Mensageiro da Aparecida*, semanario religioso que é publicado em Aparecida do Norte, pelo venerando escriptor sr. Alvaro Guerra.

O *Mensageiro* é uma folha de grande formado e collaborada brilhantemente por diversos escriptores ecclesiasticos.

— *A Voz do Povo*, bem redigido jornal que vê a luz em Taubaté. Sua leitura é variada; bem noticioso e traz engraçadas secções humoristicas.

— *O Municipio*, organo republicano que se publica na cidade de Lorena.

E' uma folha de formato regular, noticiosa e bem redigida. Agradecemos.

Secção recreativa

Decifrações do numero passado: Do quebra-cabeças, dedicado ao sr. Galdino Corrêa:

O pobre entrou na primeira igreja com 17 1/2 réis.

Das charadas de Eufon:

Palmacea e Logogripho.

Do logogripho rapido de jacaré-Guassú:

Violeta.

Das charadas de Negaça de Cuca:

Pepsina, Pancreatina, Maltina e Creolina.

Da charada de Chico Tanooiro: *Chimpanzé.*

Das charadas de Tullius: *Elodia, Rexeque, Fevera, Lapidario e Leque.*

Das charadas de Leofon: *Grammatico e Charrúa.*

Das charadas bisadas de Edith: *Portento—Porto, Minhoca—Minho e soldado—soldo.*
Decifradores diversos.

Charadas

A'seximias charadistasytuanas.
A mãe deste homem é uma flôr. 2—2.

O ferreiro é um homem valentão. 2—1.

E' assucar que está no doce, homem. 2—1.

No altar da Capella encontrão esta bebida. 2—1.

Este homem offende a Deus! Uma esfrega nelle. 1—2.

Não presta estar na farda quem tem dinheiro. E' o demonio. 1-4-2.

Negaça de Cuca.

A João Flaquer.
Tem no chifre argilla, este bode. 1—2.

Caerenca.

Logogrifo

Aos aprendizes.
Oh! como eu tenho aversão 3, 10, 5, 3,
Neste cruel soffrimento; 12, 3, 2.
Ao altar faço oração 1, 11, 4, 2, 13.
Com santo recolhimento.
Sendo régra, é um preceito 8, 13, 9.
Ser déstro e ser ligeiro; 7, 6, 9, 8.
Mas, com muito deperdicio.
Esbanjo todo o dinheiro.

Jacaré-Guassú.

Charadas bisadas

A ave — 3
ra
Está no altar — 2
—
Este homem — 3
bér
Não é baixo — 2
—
Na commoda — 3
vè
Um animal — 2
—

E' destemido — 3
len
O poeta — 2
—
O calçado — 3
man
E' do brilhar — 2
Edith.

Uma dona de de casa ajusta uma creada:

— Sabe cosinhar?
— Sei, sim, minha senhora.
— E engommar?
— Tambem.
— Já vejo que me convém.
Mas diga-me cá uma coisa: tem namorado?
— Não, minha senhora; mas isso depressa se arranja.

Um navio estava quasi a sosso-brar.

Choravam todos á bordo, e sómente um hespanhol comia desesperadamente um pão.

— Então o que é isso? perguntou o capitão; comes em vez de rezares?
— Es menester, respondeu elle, comer um poquito, para beber mucho,

Um pequeno que estava lendo o cathecismo, pergunta inopinadamente á mãe:

— O' mamãe, o que é honrar pae e mãe?

— E' respeitál-os, não os fazer zangar e dar-lhes mmitós beijinhos e abraços.

— Ah! sim? Pois o papae estava hontem a honrar a Rosa, a nossa criada.

— Como?
— Dizia-lhe cousas muito bonitas e dava-lhe beijos e abraços...

Um dia foram dar parte a um general de que se havia suicidado um sargento.

— Quinze dias de calabouço! respondeu o general.

Mas queira V. Ex. reparar que o homem está morto.

— Porque o não disse logo? replicou o general. E' forte mania esta de fallarem estrangeirado!

Expediente

Escritorio e Redacção:

RUA DE SANTA RITA, 48

ASSIGNATURAS:

Tres, seis e doze mezes, á razão de **12\$000 annuaes**

Todos os negocios referentes a esta folha, assim como publicações, assignaturas, etc., devem ser tratados com o director da mesma.

CAMARA MUNICIPAL



Lei N. 64

Abre um credito para a manutenção das escolas provisórias.

O cidadão Godofredo da Fonseca, presidente da Camara Municipal de Ytú, etc.

Faço saber que a Camara decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1. — Fica aberto um credito de seis contos de réis (6:000\$000) para a manutenção de escolas provisórias e municipaes durante o corrente exercicio.

Art. 2. — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando portando a todas as autoridades a quem a referida lei competir que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Ytú, 3 de Fevereiro de 1900.

Godofredo da Fonseca.
Presidente

Publicada na secretaria do Governo Municipal, aos 3 de Fevereiro de 1900.

O Secretario

João José de Souza Medeiros.

GABINETE DENTARIO

Rua do Commercio, 53

O abaixo assignado participa ao publico desta cidade que tem, á rua do Commercio n. 53, um bem montado gabinete dentario, onde prepara dentaduras inteiras e parciaes em chapas de vulcanite, celluloides e ouro, buldje Worte (dentadura sem chapa) pivots, restaurações a ouro, platina, porcellana, gutta-percha e osso artificial. Extrahes dentes, tartaro, etc.

Todos os trabalhos são garantidos e por preços modicos.

53, Rua do Commercio, 53

JOSE' ORTIZ

AVISO

Levo ao conhecimento dos snrs. contribuentes que, durante o corrente mez de Março, serão cobrados os seguintes empostos: de officinas de aifaiates, ferreiros, barbeiros, sapateiros, marceneiros, ferradores, ourives, relojoeiros, selleiros, douradores, galvanisadores, colchoeiros, trançadores, guarda-chuveiros, typographos, depositos de objectos de couro, malas, tapetes e redes, tintureiros, dentistas, olarias, pedreiras, fabricas de tecidos e fogos.

Ytú, 1º de Março de 1900.

O agente esecutivo
JOÃO FLAQUER JUNIOR

1-3

EDITAL

Para conhecimento dos interessados faço publico que a 15 de Março p. futuro vence-se o praso para a sellagem de todos os artigos do imposto de Consumo. Depois desse dia ninguem póde expol-o á venda sem que o artigo esteja devidamente sellado. A multa que incorrem os infractores é de 500\$ a 1:000\$000.

Ytú, 23 de Fevereiro de 1900.

O Collector
Olegario Ortiz.

Chalet de Loterias

"AO LEAO DA SORTE"

Rua do Commercio

—o—

O proprietario deste feliz Chalet participa aos seus amigos e freguezes que, depois de amanhã, 6 do corrente, extrahir-se-ha na Capital do Estado a Loteria de

40 contos

da qual tem á venda grande sortimento de bilhetes.

A grande de

500 contos

a extrahir-se na Capital Federal, á 10 do corrente, tem bilhetes á venda

Ao Leão da Sorte!

o unico Chalet que vende sortes

2258 — 600\$000

vendido por esta Casa.

João Francellino Alves.